

Dr. Dave Mathewson, Apocalipse, Aula 28, Apocalipse 21, A Nova Criação e a Noiva, Nova Jerusalém

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 28, Apocalipse 21, A Nova Criação e a Noiva, Nova Jerusalém.

Com o capítulo 21 e versículo 1 de Apocalipse, iniciamos, de certa forma, uma nova fase do livro de Apocalipse, a visão culminante final.

Embora tenhamos dito que 21:1 a 8 é uma espécie de cenário no final da transição, uma espécie de cenário para a introdução da noiva, a Nova Jerusalém. No versículo 9, capítulo 21, versículos 1 a 8, nos apresentam os temas e ideias mais importantes que serão desenvolvidos no restante de 21, 9 a 22, 5. Portanto, os temas apresentados fornecem o cenário. O versículo 1 começa então com a visão de uma nova criação.

Agora que tudo foi removido numa cena abrangente de julgamento, a nova criação chega. Para que João comece, lerei os primeiros oito versículos do capítulo 21. Então vi um novo céu e uma nova terra.

Porque o primeiro céu e a primeira terra passaram, e já não havia mar. Vi a cidade santa, a Nova Jerusalém, descendo do céu da parte de Deus, preparada como uma noiva, lindamente adornada para o seu marido. E ouvi uma grande voz vinda do trono, que dizia: Agora a morada de Deus está com a humanidade, e ele habitará com eles.

Eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará de seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem luto, nem choro, nem dor, pois a velha ordem das coisas já passou.

Aquele que estava sentado no trono disse: Estou fazendo tudo novo. Então ele disse: Escreva isto, pois estas palavras são confiáveis e verdadeiras. Ele me disse: Está consumado.

Eu sou o alfa e o ômega, o começo e o fim. Ao que tiver sede darei de beber gratuitamente da fonte da água da vida. Quem vencer herdará tudo isso, e eu serei seu Deus, e ele será meu filho.

Mas os covardes, os incrédulos, os vis, os assassinos, os sexualmente imorais, os que praticam artes mágicas, os idólatras e todos os mentirosos, o seu lugar será no lago de fogo que arde com enxofre. Esta é a segunda morte."

Agora, o versículo 1 começa com uma alusão ao Antigo Testamento. O texto principal por trás desta frase, eu vi novos céus e uma nova terra, é Isaías capítulo 65 e versículo 17, onde no contexto de antecipação de Deus restaurando seu povo do exílio, mas em um novo ato criativo que vai além de sua retorno físico do exílio, mas antecipando um novo ato criativo.

No capítulo 65, começarei com o versículo 16: Quem invocar uma bênção na terra o fará pelo Deus da verdade. Aquele que presta juramento na terra jurará pelo Deus da verdade, pois os problemas do passado serão esquecidos e escondidos dos seus olhos. Versículo 17: Eis que criarei novos céus e uma nova terra.

As coisas anteriores não serão lembradas, nem virão à mente. Mas então continua e diz: regozije-se e regozije-se com o que devo criar, pois criarei Jerusalém para ser um deleite e seu povo uma alegria. Eu me alegrarei por Jerusalém.

Portanto, este texto fornece o pano de fundo para a introdução da nova criação no versículo 1, mas também da cidade santa, Nova Jerusalém, no versículo 2. Portanto, claramente o versículo 1 é, aqui está o cumprimento final do que Isaías 65, 17 profetizou e antecipou. Agora João vê chegar os novos céus e a nova terra. No entanto, isso provavelmente também remonta a Gênesis 1 e versículo 1, onde, no início, Deus criou os céus e a terra.

Mas sabemos pelo capítulo 3 que isto foi arruinado e prejudicado e frustrado e perturbado e onde a criação agora está mergulhada no pecado. Portanto, o capítulo 65 de Isaías provavelmente antecipa uma restauração do ato criativo original. E agora João vê emergir a nova criação.

Para que Deus não abandone o seu projeto depois de Gênesis 3, quando o pecado entrou no mundo e trouxe a morte e a destruição e o pecado e o mal. Deus não abandona o seu projeto, mas agora, Deus o restaurará, e Deus o transformará num novo ato criativo, Isaías capítulo 65, que é o que João vê agora. Observe também que o primeiro céu e a terra passaram, provavelmente uma referência ao julgamento final em 20, onde o céu, o céu e a terra fogem da presença daquele que está sentado no trono.

E mais uma vez, provavelmente não deveríamos ver isto como algo estritamente geográfico e físico, mas a terra como estando sob o domínio de Satanás e das bestas, a terra como um lugar que eles prejudicaram e devastaram, um lugar onde o povo de Deus foi condenado à morte. , que agora foi removido. E agora, uma nova criação surgiu. Mas também é interessante que se voltarmos ao capítulo 65 de Isaías,

descobrimos que a nova criação não é apenas geográfica ou física, embora isso seja verdade.

Mas o restante do capítulo 65 de Isaías falará sobre um lugar que é frutífero, falará sobre um lugar onde há justiça completa, onde ninguém fará mal, ninguém mais fará mal ao povo de Deus, ninguém os levará ao cativeiro, ninguém destruirá suas colheitas, etc. Portanto, a nova criação aqui que João vê não é apenas física e geográfica, mas deve ser vista em contraste com o governo e domínio de Satanás sobre a primeira criação. Agora, aqui está uma nova criação onde a justiça prevalecerá, onde a retidão prevalecerá, onde a paz prevalecerá, onde toda a violência, derramamento de sangue e opressão serão agora removidos.

Agora, uma questão que se coloca é: devemos entender isto como uma nova criação ex nihilo, que é uma criação do nada, ou isto é uma transformação e renovação? Eu argumentaria, com base no resto do Novo Testamento, e talvez até mesmo com base no Apocalipse, que deveríamos ver que há continuidade e descontinuidade entre a nova criação e a criação anterior. Isto é, observe a palavra novo usada aqui, que enfatiza a novidade qualitativa desta criação e deste ato criativo em oposição à criação original. Mas provavelmente deveríamos ver tanto a continuidade como a descontinuidade, na medida em que isto é totalmente novo, é distintamente diferente da criação original.

Mas, ao mesmo tempo, pergunto-me se não deveríamos ver isto como uma transformação e renovação da criação actual, em oposição à destruição e ao recomeço, que esta criação seja completamente renovada, completamente renovada, completamente transformada. E isso é simbolizado para enfatizar, novamente, que João quer enfatizar mais a continuidade entre a terra atual sob o domínio e a influência destrutiva devastadora de Satanás e uma nova terra que é qualitativamente diferente. Para enfatizar isso, João usa a linguagem da destruição.

A primeira terra fugiu do trono e nenhum lugar foi encontrado. O primeiro céu e a primeira terra, agora no capítulo 21:1, já passaram. Mas isso provavelmente pretende simbolizar a renovação, a transformação e a renovação completa desta criação atual em um ato criativo completamente novo, onde ela é despojada de todos os efeitos destrutivos do pecado, do mal, da morte e do dano causado por Satanás e pela besta sob cujo governo a terra trabalhou.

Agora foi libertado disso, foi transformado e renovado num novo ato criativo, e John agora vê isso. Acho também que o que isso sugere, versículo 21:1, acho que o que sugere sobre a nossa escatologia e a nossa compreensão do fim dos tempos e do nosso destino é importante. 21:1 nos lembra que o objetivo final do povo de Deus, o destino final do povo de Deus não é o céu.

Muitas vezes falamos sobre ir para o céu, e mal posso esperar para ir para o céu, ou um dia estaremos no céu. E certamente é verdade falar sobre isso dessa maneira. Na verdade, em outros lugares, o Novo Testamento parece retratar o povo de Deus.

Em Apocalipse 15 e também 14, parece que temos uma visão do povo de Deus no céu. Mas 21:1 esclarece isso e deixa claro que o destino final do povo de Deus não é o céu, mas sim a terra. Muitas vezes, lembro-me de uma vez que me pediram para falar com um grupo de alunos do ensino médio, e a professora da escola dominical me disse que estava muito perturbada porque nenhum deles queria ir para o céu, e ela queria que eu falasse sobre o céu.

Então comecei a conversar com eles e comecei a descobrir que o problema era quando eles pensavam no céu, eles pensavam no proverbial, e você já ouviu essa imagem antes, o proverbial estando nas nuvens com harpas e vestindo branco vestes, e eles não queriam ir para lá. E enquanto ouvia, francamente, também não queria ir para lá. Não consigo pensar em uma existência mais chata para o povo de Deus do que flutuar em uma nuvem, alguma existência efêmera e desencarnada tocando harpas e flutuando em vestes brancas.

Que tipo de existência é essa? Que tipo de destino é esse? E pode parecer grosseiro falar dessa forma, mas não creio que seja porque todo o conjunto das Escrituras que termina em Apocalipse 21 não apresenta o povo de Deus como alguém que de alguma forma alcança um tipo de existência espiritual celestial e desencarnada. Esse foi o gnosticismo do primeiro, segundo e terceiro séculos. Em vez disso, desde o início, Gênesis 1 e 2, Deus nos criou para sermos seres físicos vivendo em uma terra física.

Deus não nos resgata agora disso para algum tipo de existência espiritual efêmera, mas em vez disso, a intenção de Deus é restaurar-nos à maneira como ele nos criou originalmente. E assim, Apocalipse 21 encerra uma visão do clímax e objetivo final da história, e a intenção redentora de Deus para o seu povo termina com nós não flutuando no céu com harpas e nuvens, mas em vez disso, nos leva a uma nova terra física. E tendo sido ressuscitado numa ressurreição física no capítulo 20, agora o povo de Deus emerge numa criação física, uma nova terra.

Certa vez, ouvi uma pessoa dizer, em resposta ao típico slogan evangelístico que alguém uma vez lhes disse, sem saber com quem estavam falando, pergunte-lhes: se você morrer esta noite, você sabe que irá para o céu? A resposta dele é: sim, quero, mas não espero ficar lá por muito tempo. E a sua resposta foi consistente com Apocalipse 21. O destino principal não é ir para o céu, pelo menos se por céu nos referimos a alguma existência aérea, efêmera e desencarnada.

Em vez disso, é evidente que o nosso destino está alinhado com a intenção original de criação de Deus em Gênesis 1 e 2, e isso é levar-nos ao objetivo de uma nova

criação. Uma característica interessante é o fato de João dizer que o mar não existe mais. Acho interessante o motivo pelo qual ele enfatizaria que o mar não existia mais, especialmente porque não é encontrado no capítulo 65 de Isaías.

E a menção aos céus e à terra parece ser bastante abrangente. Por que ele acrescentou que o mar não existia mais? Duas coisas. Em primeiro lugar, penso que porque o mar, em vez de ser apenas parte de uma referência tripla à terra, aos céus e ao mar, o mar é mencionado aqui porque, em primeiro lugar, o mar ao longo do Apocalipse desempenhou um papel de, lá no capítulo 20, era um lugar dos mortos.

É também o lugar de onde surge a primeira besta demoníaca, o monstro marinho, a figura bestial do capítulo 13, e o mar também está claramente associado ao abismo em todo o Apocalipse. A besta sai do abismo no capítulo 11, mas depois sai do mar, de modo que o mar carrega conotações de mal, caos, dano e morte. É o lugar do monstro marinho.

No Antigo Testamento, você encontra uma serpente, ou um dragão, ou este monstro associado ao mar como o lugar do mal e do caos. Então, a razão pela qual o mar foi removido é porque ele é emblemático de todo o mal, da dor, do caos e da desordem, e do mal da primeira criação que foi governada pelo dragão e pelas feras que saíram do mar. o abismo, que emergiu do mar. Portanto, o mar tem associações claras com o caos, o mal e a morte, e é o lar do monstro marinho, que é inimigo e hostil aos propósitos de Deus e ao seu povo.

É isso que o mar representa. Provavelmente o mar, reparem que o mar já não existe. Mais tarde, no versículo 4, João diz que a morte, o pranto, o choro e a dor não existirão mais, porque a velha ordem já passou.

Portanto, o mar também deveria ser visto como provavelmente um símbolo da dor, do luto e do sofrimento na primeira criação. Então, agora o mar vai ser retirado. Por que? Porque o mar constituiu uma barreira ao gozo do povo da sua plena herança, da sua plena recompensa e da salvação.

Agora ele foi removido. O mar não simboliza um oceano ou mar literal, mas sim simboliza o mal e o caos. É a casa do monstro marinho, e um lugar de mais, é emblemático do luto e do choro, da dor e do sofrimento da primeira criação.

Isso agora foi removido. Mas em segundo lugar, penso que o mar, a remoção do mar aqui, carrega e continua o motivo do Êxodo. Isto é, vimos tanto o julgamento de Deus sobre um império perverso e maligno, o Império Romano, como também a salvação de Deus sendo descrita como um novo Êxodo.

As pragas que Deus derramou sobre Roma e sobre os impérios do mal são vistas em termos das pragas do Êxodo em 8 e 9, e no capítulo 16. Mas também os santos são

vistos de pé ao lado do mar de vidro, cantando o cântico de Moisés no capítulo 15. Penso que esta é mais uma referência à alusão ao tema do Êxodo.

Ou seja, o mar aqui é o Mar Vermelho. E se você voltar ao capítulo 51 no versículo 9, ou, desculpe, Isaías capítulo 51 no versículo 9, lembre-se que o mar, o Mar Vermelho, foi descrito como o mar que era o lar do monstro do caos, do monstro do mar. Curiosamente, eu disse que a tradução aramaica desse texto na verdade identifica o monstro em Isaías 51.9 como Faraó.

Então, acho que aqui o mar é simbolicamente o Mar Vermelho do caos e do mal, assim como o Mar Vermelho original em Isaías 51.9 está associado ao mar do mal. Na verdade, em outras partes de Isaías, em outras partes de Isaías 40-66, você vê esse tema de secar a água como parte do tema do Êxodo. Na verdade, Isaías 40-66, mais do que qualquer outro livro profético, retrata a futura libertação do seu povo por Deus como um novo Êxodo.

Parte disso são textos como Isaías 51.9, o mar, a remoção do mar e o Mar Vermelho, que são emblemáticos do caos, do mal e do dano. É inimigo do povo de Deus. Ela prevê, como aconteceu nos dias do Êxodo, que era uma barreira para o povo de Deus passar e entrar na terra prometida.

Agora, mais uma vez, em cumprimento de Isaías e do evento original do Êxodo, descobrimos que Deus seca o escatológico Mar Vermelho que, como símbolo do caos e do mal e do dano e da dor e do sofrimento, está agora seco como uma barreira para o povo de Deus. sendo capaz de atravessar e entrar em sua terra prometida. Agora, o escatológico Mar Vermelho secou. João diz que o mar não existe mais.

Então, agora o povo pode entrar na sua herança, na sua terra prometida, que é a nova criação, os novos céus e a nova terra. Então, penso que a remoção do Mar Vermelho é mais uma parte do motivo do Êxodo. O versículo 2 então nos apresenta a segunda característica de Isaías, capítulo 65.

Isaías não apenas antecipa uma nova criação, mas também uma nova Jerusalém. Veremos o que João faz com isso daqui a pouco, mas a restauração de Jerusalém, a restauração da cidade de Jerusalém, desempenhou um papel fundamental tanto nos textos apocalípticos como também no Antigo Testamento. Já vimos isso em Isaías capítulo 65.

Isaías capítulo 54 também é um texto importante. Veremos isso mais tarde, mas o capítulo 54 de Isaías e os versículos 11 e 12 antecipam a reconstrução ou restauração da cidade de Jerusalém. Então, agora, João segue o exemplo e vê Jerusalém restaurada como parte da nova criação.

Veremos em um momento o que João faz com isso, mas começando com o versículo 4, João muda de uma visão que é a nova Jerusalém e na nova criação, João muda de visão, que ele também descreve como uma noiva adornada para ela marido, que remonta ao capítulo 19 e às imagens do banquete de casamento e à noiva sendo preparada, e também antecipa 21:9, onde seremos apresentados e encontraremos uma descrição da noiva nova Jerusalém. Mas aqui encontramos a noiva da nova Jerusalém já mencionada no versículo 2. A Nova Jerusalém está saindo do céu como uma noiva lindamente vestida para o seu marido. Veremos que isso será desenvolvido com mais detalhes começando com 21:9. Mas no versículo 3, o autor agora muda para uma audição onde ouve uma voz, e o que a audição fará, eu acho, é basicamente interpretar os dois primeiros versos.

Isso nos dirá mais sobre como devemos compreender esta nova criação e esta nova noiva de Jerusalém. E começa no versículo 3 com uma referência à fórmula da aliança do Antigo Testamento. No versículo 3, a voz diz, agora a habitação de Deus está com os homens; ele viverá com eles, eles serão o seu povo, e o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus.

Portanto, esta é uma espécie de versão de João da fórmula da aliança do Antigo Testamento que encontramos em Levítico capítulo 26 e versículos 11 e 12, mas também em Ezequiel capítulo 37. Curiosamente, num texto que ele segue em ordem, agora capítulo 37, João alude para Ezequiel mais uma vez. E 37 e versículo 27 no contexto da antecipação do futuro retorno de Cristo e da restauração do seu povo.

Agora, no final, diz o autor, começarei com o versículo 26; Farei com eles uma aliança de paz. Será uma aliança eterna. Eu os estabelecerei e aumentarei o seu número.

Porei meu santuário entre eles para sempre. Observe que a habitação de Deus estará com eles, Apocalipse 21:3. E então minha morada estará com eles. Novamente, Apocalipse 21:3, eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.

Então as nações saberão que eu, o Senhor, santifico Israel. Assim, João agora prevê que a nova aliança que Ezequiel antecipa foi finalmente consumada e cumprida no relacionamento da nova aliança em Apocalipse 21.3. A diferença está tanto em Levítico 26 quanto em Ezequiel 37, a antecipação é que Deus restauraria e faria uma aliança com seu povo restaurado, Israel. Agora, a aliança não é apenas com Israel, mas inclui todas as nações.

Então, mais uma vez, você tem o povo de Deus não mais apenas como Israel nacional, mas incluir Israel também se expande para incluir pessoas de todas as tribos, línguas e idiomas. Agora Deus faz em cumprimento de Ezequiel 37; Deus faz uma nova aliança com seu povo. É possível que também devêssemos entender isso no contexto do relacionamento matrimonial, entendendo que o casamento poderia ser visto como uma espécie de aliança.

O versículo dois apresenta a noiva lindamente adornada, e agora podemos ver isso como a aliança ou uma espécie de palavras da aliança, o relacionamento da aliança de casamento agora falado no versículo três. Outra característica interessante, porém, é que isso é verdade em Levítico 26 em relação ao Tabernáculo, mas em Ezequiel 37, se você se lembra, Ezequiel 37, a relação de aliança onde Deus diz em Ezequiel, farei minha habitação com você. Os capítulos 40 a 48 descrevem então aquela habitação onde Ezequiel tem uma visão do templo restaurado do fim dos tempos que é medido.

Esse é o texto que desempenhará um papel a partir de 21:9 em Apocalipse. Então, novamente, João segue a ordem do Apocalipse e a fórmula da aliança, minha habitação será com eles. Eu serei o Deus deles.

Eles serão o meu povo, antecipa a habitação de Deus no Tabernáculo com seu povo, que será descrita com mais detalhes em 21:9 até 22:5, onde João descreve em uma visão o novo templo de Jerusalém no qual Deus agora habitará com seu povo. pessoas em cumprimento de Ezequiel 40 a 48. Versículo quatro, apenas para resumir o versículo quatro, depois descrevendo ainda mais o significado dos versículos um e dois, descreva-o em termos de linguagem que vem diretamente do Antigo Testamento. Novamente, ele enxugará de seus olhos toda lágrima, sem mais morte, sem mais luto que sai do livro de Isaías também.

Portanto, João recorre fortemente aos textos do Antigo Testamento, especialmente neste ponto de Isaías, para descrever a consumação final. Na verdade, um comentário que li era meio irônico, mas havia muita precisão e seriedade no que ele disse. E isto é, se você tirasse todas as ilusões do Antigo Testamento em Apocalipse 21 e 22, você não teria quase nada sobrando.

E há muita verdade nisso. João recorre a textos do Antigo Testamento para construir a sua visão do fim dos tempos, para interpretar o que viu, a sua visão do fim dos tempos para mostrar que é a consumação e o cumprimento de todas as promessas de Deus ao seu povo no Antigo Testamento. Agora, eles alcançam o seu cumprimento em Apocalipse 21 e 22.

E agora o versículo quatro, usando textos do Antigo Testamento, demonstra o significado da nova criação. Ou seja, tudo o que caracterizava a velha ordem foi agora eliminado. Em outras palavras, você pode imaginar uma criação onde você pode imaginar este mundo e esta criação despojada de todos os efeitos do pecado e de todos os efeitos do mal e de tudo que nos prejudica, de tudo que nos decepciona, de tudo que nos causa dor e sofrimento, sofrimento, tudo o que nos causa estresse emocional, completamente despojado.

Isso é o que o versículo quatro prevê. Quando o autor diz que toda lágrima será removida de seus olhos e enxugada, uma parte emocional bastante comovente da visão, às vezes isso foi interpretado como se fosse uma espécie de purificação final quando vemos toda a nossa pecaminosidade. Agora, esta é uma espécie de catarse final.

Eu não acho que isso seja exato, especialmente quando você vê isso à luz do contexto do Antigo Testamento. Mas também aqui as lágrimas são as lágrimas do sofrimento e da dor que existiam em pertencer à primeira ordem. O sofrimento e as lágrimas daqueles que estavam sujeitos ao governo de Satanás e da besta.

As lágrimas daqueles que sofreram perseguições e até a morte nas mãos do mundo atual. Mas agora eles faleceram e, portanto, as coisas que acompanham essa terra também passaram. Dor, choro e morte não existirão mais.

No versículo cinco, Deus finalmente fala. No versículo cinco, Deus diz, resumindo de um a quatro, estou fazendo tudo novo. O que é significativo é que esta é outra alusão a Isaías.

Isaías capítulo 43 versículo 19, que curiosamente também está no contexto de um novo êxodo. Se você voltar e ler 43 19. Então o novo ato é uma espécie de novo ato de um novo êxodo para trazer o povo de Deus à sua herança, trazendo o povo de Deus para a sua salvação.

Então, colocando todos nós juntos, o povo de Deus é visto como estando em cativeiro e escravidão ao Império Romano no Apocalipse, a outro império ímpio, idólatra e maligno que os oprime. No ato do êxodo da peste, como os julgamentos da peste em 8 e 9 e no capítulo 16 de Apocalipse, Deus começa a derramar seu julgamento sobre o opressivo Império Romano e o opressor mundo sem Deus. E então, num novo êxodo, Deus agora os liberta e os resgata daquela nação maligna e daquele império maligno.

Ele também seca o escatológico Mar Vermelho de mal, caos, dor e sofrimento que formava uma barreira para o povo. Agora o povo pode passar para a sua herança, a sua terra prometida, que é a nova criação. Assim, uma forma dominante pela qual João retrata a nossa salvação é através do tema de um novo êxodo modelado no primeiro.

Começando no versículo 6, o autor reunirá mais uma vez uma série de textos do Antigo Testamento que descrevem e interpretam melhor o significado dos versículos 1 e 2, a nova criação e a nova noiva de Jerusalém que João vê. Além disso, ele descreve dizendo, antes de tudo, versículo 6, está consumado, eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Agora, isso é significativo.

Isto não é apenas João repetindo títulos por repetir títulos, mas vimos que Alfa e Ômega, começo e fim, sugeriam que Deus estava no início e no fim da história. Ele existia antes da criação e no final da criação. Então agora você vê que esses títulos são significativos porque, como aquele que está no início e no fim da criação, ele agora é capaz de levar sua intenção de criação ao seu objetivo final, à sua consumação em um novo ato criativo.

O Deus soberano sobre toda a criação no capítulo 1 e capítulo 4, o começo e o fim, o primeiro e o último, Alfa e Ômega estão no início e no fim da criação. Agora, no final da criação, leva-a ao seu objetivo, leva-a à sua consumação. Mas observe também o resto da linguagem, a linguagem de quem tem sede, eu lhe darei água de graça vem direto de Isaías capítulo 55 e versículo 1. E a propósito, pode ser involuntário que João enfatizou, ou talvez devêssemos ler sem custo à luz do resto do livro.

Em contraste com o custo exorbitante das mercadorias sob o Império Romano no capítulo 6, em contraste com a riqueza ostensiva e privilegiando a elite rica e as cargas no capítulo 18, a menção de cargas das quais os mercadores enriqueceram, agora em contraste você descobre que, em contraste com a economia exploradora de Roma, que muitas vezes favorecia os ricos, agora você encontra a salvação gratuita disponível para o povo de Deus que entra na nova criação. No versículo 7, então, a menção à superação leva você de volta a Apocalipse 2 e 3. Aqui agora, em outras palavras, os capítulos 21 e 22 são apresentados como a promessa e a recompensa para aqueles nos capítulos 2 e 3 que vencerem. Isto é, recusando-se a transigir, mantendo o seu testemunho fiel, recusando-se a seguir a besta e adorando a sua imagem, recusando-se a fazer parte do império idólatra e ímpio.

Se vencerem dessa forma, herdarão os capítulos 21 e 22. Observe a linguagem da herança. Se vencerem, herdarão tudo isso.

A palavra herdar era comum no Antigo Testamento, especialmente em associação com a promessa a Abraão. Presumo que o capítulo 21 seja o cumprimento final da promessa feita a Abraão de que seu povo herdaria a terra. Agora eles herdam a terra, que é a nova criação.

Tudo isso, diz, eles herdarão tudo isso. Tudo o que? Tudo em 21 através destes versículos. Esta é a nova criação, a nova noiva de Jerusalém.

Agora, eles herdam isso. Isso é o cumprimento das promessas de herdar a terra no Antigo Testamento, relacionadas com Abraão. Agora o povo de Deus, judeus e gentios, participa das promessas feitas a Abraão de herdar a terra.

Agora, é uma nova criação. A outra coisa que eles herdarão em 2 Samuel 7, 14, só para destacar outra característica no versículo 7, é que eles também herdarão, ele

será o Deus deles, e ele será meu filho. Deus diz que eu serei seu Deus; você será meu filho.

Isso vem de 2 Samuel 7:14, a fórmula da aliança davídica. O que é interessante aqui é que não se aplica a David ou a Jesus, mas a todos, a todas as pessoas que herdaram a nova criação. Em outras palavras, acho que a forma como devemos entender isso é, como o leão da tribo de Judá, como o Messias, o verdadeiro filho de Davi, também compartilhamos a fórmula da aliança davídica, também compartilhamos a promessa feita a Davi em virtude de pertencer a Jesus Cristo, filho da tribo de Judá, o leão da tribo de Judá.

Assim, agora fomos apresentados aos temas principais, especialmente à nova criação, à nova noiva de Jerusalém. Seu significado foi interpretado à luz do texto do Antigo Testamento. E agora, finalmente, em 21:9, somos apresentados à noiva da nova Jerusalém que vimos no versículo 2. E então, começando com o capítulo 21 e versículo 9, lemos isto, um dos sete anjos, e eu disse: é aqui que deveríamos fazer uma pausa.

Esta é uma fórmula introdutória como vimos no capítulo 17, apresentando a prostituta Babilônia. Agora vemos a noiva, a Nova Jerusalém. Um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das sete últimas pragas veio até mim e disse: vem, vou te mostrar a noiva, a esposa do Cordeiro.

E ele me levou em espírito a um grande e alto monte e me mostrou a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus. Ela brilhava com a glória de Deus e seu brilho era como o de uma joia muito preciosa, como um Jaspe, claro como cristal. Tinha grandes e altos muros, ou seja, a cidade tinha grandes e altos muros e 12 portas e com 12 anjos nas portas.

Nos portões estavam escritos os nomes das 12 tribos de Israel. Havia três portões ao norte, três ao sul e três ao oeste. O muro da cidade tinha 12 fundamentos e neles estavam os nomes dos 12 apóstolos do Cordeiro.

O anjo que falou comigo tinha uma vara de ouro para medir a cidade, seus portões e seus muros. A cidade era disposta como um quadrado, desde que fosse larga. Ele mediu a cidade com a vara e descobriu que ela tinha 12.000 estádios, o que tem cerca de 2.400 quilômetros de comprimento e é tão larga e alta quanto longa.

Ele mediu suas paredes, e elas tinham 144 côvados de espessura pela medida humana, que é a medida de um anjo. O muro era feito de jaspe, e a cidade era de ouro puro, puro como vidro. Vou parar por aí.

Continuaremos lendo isso um pouco mais tarde. John continuará a descrever a composição da cidade e as características arquitetônicas da cidade em termos de

imagens de pedra. Mas o que é intrigante com 21:9 e 10 também, e acho que isso é significativo para entender como lemos a Nova Jerusalém, como entendemos a Nova Jerusalém, é que acho que somos apresentados aqui a outro exemplo do ouvir e ver de João. contraste.

Lembre-se, vimos no capítulo 5 que João ouviu o leão da tribo de Judá que havia vencido. O que ele vê, porém, é um cordeiro. A mesma coisa, mas usando imagens diferentes.

Vimos isso no capítulo 7, acho que o que João ouve são 144.000. O que ele vê é uma multidão incontável.

Agora, observe o versículo 9. O que João ouve é: venha, vou lhe mostrar a noiva, a esposa do Cordeiro. O que João vê no versículo 10 é uma Nova Jerusalém, uma cidade santa. Em outras palavras, penso que se entendermos a noiva do Cordeiro como o próprio povo, o que deveríamos, acrescentando o capítulo 19, a ceia das bodas do Cordeiro e os apresentados, a noiva se preparou.

E mesmo à luz de outros textos do Novo Testamento, como Efésios capítulo 5, por exemplo, um texto do Antigo Testamento que retratava Israel como a noiva de Yahweh, como uma esposa. Se quisermos entender a noiva do Cordeiro como o próprio povo, então aqui em 9 e 10, a noiva parece ser equiparada à Nova Jerusalém. João ouve que vai ver a Noiva do Cordeiro.

O que ele vê em 10, e o que verá no resto da seção, e o que medirá é a Nova Jerusalém. Portanto, presumo que a Nova Jerusalém seja um símbolo do próprio povo consumado e aperfeiçoado de Deus. A Nova Jerusalém é o povo.

Agora, isso não significa que não haverá uma cidade na nova criação ou João não poderia ter pretendido uma cidade. Esse pode muito bem ser o caso e é provável, mas principalmente, a cidade que João está prestes a descrever simboliza o próprio povo de Deus. Nem uma descrição arquitetônica real da construção de uma cidade física literal, embora isso pudesse acontecer, poderia ser o caso.

Mas o ponto de João será mais descrito na natureza, para descrever a natureza das próprias pessoas, o povo consumado e aperfeiçoado de Deus na própria nova criação. Então, a Noiva Nova Jerusalém, ao longo do resto do texto, me referirei a ela como a Noiva Nova Jerusalém. Embora eu tenha que acrescentar algo mais em um momento também, como veremos, e isso é templo.

Portanto, a noiva, o templo da Nova Jerusalém, como símbolo do próprio povo do fim dos tempos, parece ser a principal preocupação de João no capítulo 21. O que quero focar brevemente é que, nos versículos 11 a 21, quero focar na descrição de

João da Nova Jerusalém. Jerusalém. Mas nos capítulos 11 a 21, para voltar um pouco, os versículos 9 e 10 do capítulo 21 são uma espécie de introdução à visão.

Então, o restante do capítulo 21 pode ser dividido em duas partes. Uma parte, começando nos versículos 11 a 21, são as características arquitetônicas da Nova Jerusalém, a composição da Nova Jerusalém em termos de medidas, suas pedras preciosas, seus materiais de construção. E então, começando com 22 e ao longo do resto da seção, encontramos uma descrição da Nova Jerusalém em termos de seus residentes, em termos de quem estará lá.

Portanto, veremos essa seção mais tarde. Mas quero começar com o versículo 11 e apenas chamar a sua atenção para vários aspectos importantes na descrição arquitetônica e na composição da Nova Jerusalém. Em primeiro lugar, e isto abrange a maior parte dos capítulos 11 a 21, mas especialmente o 11, é que a Nova Jerusalém é claramente retratada como um lugar de presença divina, claramente o lugar da presença de Deus com o seu povo.

Observe como começa no versículo 11. É mostrado com a glória de Deus. Seu brilho era como o de uma joia muito preciosa como o jaspe, claro como o cristal.

Observe a menção da palavra jaspe e claro como cristal. Essa é uma das pedras que vimos no capítulo 4, indicando ainda que o céu agora se fundiu com a terra. Esta é a morada de Deus com seu povo.

Este é o lugar da presença de Deus com o seu povo, indicado pelo jaspe, que tinha uma ligação com Apocalipse capítulo 4 na descrição daquele que estava sentado no trono. Mas a descrição, embora dissemos agora, começando com o capítulo 21, o livro de Ezequiel, e os capítulos 40 a 48, desempenhará um papel dominante. Porque em 40 a 48, Ezequiel vê o novo templo, um templo restaurado, e um anjo o mede, mede detalhadamente e dá as medidas numéricas exatas do templo.

Isso fornecerá um modelo para os capítulos 21 e 22 de Apocalipse, Ezequiel 40 a 48. Contudo, o que falta em Ezequiel 40 a 48 é uma descrição detalhada da composição da cidade. Mais uma vez, lembre-se de que a cidade e sua composição simbolizam as próprias pessoas, principalmente em Apocalipse 21.

Em vez disso, João recorre a essa linguagem de joias e pedras preciosas e, mais tarde, às pedras do peitoral do sumo sacerdote, que faltam em Ezequiel 40 a 48. Onde João conseguiu isso, então? Bem, ele encontra em outros textos do Antigo Testamento referências claras à restauração de Jerusalém em termos de pedras preciosas, e provavelmente também em textos apocalípticos. Se você ler alguns dos relatos dos textos apocalípticos como 1 Enoque e outros lugares, a restauração de Jerusalém às vezes é descrita em termos de um brilho como uma pedra ou uma pedra ou pedras preciosas.

Mas João encontra muitas referências no próprio Antigo Testamento. Um desses textos é Isaías capítulo 54. Isso não deveria nos surpreender porque Isaías desempenhou um papel muito importante.

Isaías 54 é um texto que antecipa a restauração do povo de Deus e a restauração de Jerusalém. Observe como Isaías começa; ele diz: Ó cidade aflita, açoitada pelas tempestades e não consolada. Isso seria uma referência a Israel ou a Jerusalém no exílio.

Ele diz: Ó cidade aflita, construirei com pedras. Edificarei você com pedras turquesas e seus alicerces com safiras. Farei suas ameias de rubis, seus portões de jóias brilhantes e todos os seus muros de pedras preciosas.

Observe como cada parte da cidade, as ameias, os portões e as fundações são equiparados a uma determinada pedra preciosa. Meu objetivo não é descrever exatamente o que eram essas pedras, mas simplesmente observar que a restauração de Jerusalém foi descrita em termos de pedras preciosas. Acho que esse é o modelo que João está utilizando aqui nos versículos 11 e até o versículo 21 ao descrever as pedras que compõem a Nova Jerusalém.

E talvez devêssemos ver as pedras, pois acho que é isso que devemos fazer com as pedras no peitoral do sumo sacerdote nas fundações de 19 a 21. Mas me pergunto se as pedras preciosas não foram feitas para representar, não literalmente ou não especificamente, mas representam os próprios membros do povo de Deus. Muito parecido com o que você encontra em Efésios, capítulo dois ou 1 Pedro dois, onde os membros, o próprio povo de Deus, são as pedras de construção ou os blocos de construção do templo ou da habitação de Deus.

Embora vamos ver, acho que provavelmente as pedras, como você costuma encontrar na literatura apocalíptica, as imagens não têm apenas uma correspondência precisa. Eles podem evocar várias ideias. Claramente, as pedras sugerem a glória de Deus e refletem a glória de Deus, mas também podem representar as próprias pessoas que agora são os blocos de construção ou constituem o templo da noiva da Nova Jerusalém, que pretende simbolizar o povo de Deus.

Mas João baseia-se neste texto de Isaías 54, que está no contexto da restauração de Jerusalém. Mas é interessante o que ele faz com isso. Observe como João parece combinar o povo de Israel com a igreja como o novo povo de Deus, composto de pessoas de todas as tribos nacionais, agora em um só povo de Deus.

Assim, os 12 portões da cidade nos versículos 12 e 13 têm os nomes das 12 tribos, mas observe que os fundamentos devem ser identificados com os 12 apóstolos.

Agora, John faz; tem havido especulação, mas João não está interessado em nos dizer qual apóstolo com qual fundamento, ou ele não nos diz quais tribos de Israel vão por quais portas. Ele não está interessado nisso.

Ele está simplesmente interessado no significado simbólico disso, no fato de que agora João vê o povo de Deus aperfeiçoado e completo, que abrange o plano histórico-redentivo de Deus para incluir tanto a nação de Israel, o povo de Deus, Israel, os fiéis de Israel, e agora sua igreja. , pessoas de todas as tribos e línguas, fundadas nos apóstolos. Os apóstolos são o fundamento da igreja, agora centrado em torno do Cordeiro no novo e final povo consumado de Deus, simbolizado por uma cidade que consiste em fundamentos e portas. Então agora Israel, o Israel do Antigo Testamento e a igreja do Novo Testamento, agora João vê como se unindo no povo consumado de Deus.

Agora, ao igualar as portas, e vimos isso com as pedras também, mas ao igualar as portas às tribos de Israel, na verdade vemos isso já acontecendo em Ezequiel 48, que João provavelmente está desenhando aqui. Ezequiel 48, encontramos as tribos associadas aos portões. Também encontramos no Novo Testamento que já mencionamos pessoas associadas a certas partes de um edifício ou cidade, simbolizando o povo de Deus.

Curiosamente, em Efésios, capítulo 2 e versículos 20-22, João iguala o fundamento do templo de Deus, simbolizando o povo de Deus. João iguala o templo como construído sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, e então Jesus é a pedra angular e todo o resto é construído como parte desta habitação de Deus. Assim, João mais uma vez tem precedência em outros escritores do Novo Testamento por não apenas retratar o povo como um edifício, como uma cidade ou templo, mas também por retratar partes, retratando simbolicamente partes do templo ou edifício com membros do povo de Deus.

Outro texto interessante está nos Manuscritos do Mar Morto, um grupo de pergaminhos encontrados em cavernas acima do Mar Morto que a maioria dos estudiosos está convencido de que foram produzidos ou pelo menos valorizados ou mantidos pela comunidade do Mar Morto que chamamos de comunidade de Qumran ou a comunidade do Mar Morto. E são responsáveis pelo que chamamos de Manuscritos do Mar Morto. Esses pergaminhos são importantes porque lançam luz sobre pelo menos um ramo do Judaísmo no primeiro século.

Um pergaminho interessante é um dos comentários do livro de Isaías, que inclui Isaías capítulo 54 e versículos 11 e 12. E é interessante quando você lê esse texto; a comunidade de Qumran interpretou Isaías 54:11 e 12, a menção dos portões e das fundações sendo equiparadas a pedras preciosas e às ameias e aos muros, etc., de Isaías 54, 11 e 12.

A comunidade de Qumran interpreta explicitamente aqueles simbolicamente como membros fundadores de sua comunidade, como o conselho da comunidade e os principais sacerdotes, etc. Eles pegam cada parte de Isaías 54, os portões, a fundação, as ameias, etc., e eles equiparar essas pedras preciosas aos membros fundadores da sua própria comunidade. Então, é interessante, John, quer ele soubesse desse texto ou não, John agora está fazendo algo semelhante.

Ele encontra no capítulo 54 de Isaías uma antecipação de uma restauração de Jerusalém no fim dos tempos, mas, assim como a comunidade de Qumran fez com ela, João interpreta que se refere aos membros fundadores da comunidade. Isto é, as portas são identificadas com as nações de Israel, as tribos de Israel. As pedras fundamentais são equiparadas aos doze apóstolos, que agora funcionam como o fundamento da comunidade.

Então, João não está fazendo nada de estranho ou único com Isaías capítulo 54, mas está fazendo algo que outros fizeram ao descobrir que Isaías 54 agora está cumprido na fundação da própria comunidade, e especialmente dos membros fundadores e daqueles que são de certa forma a fundação da própria cidade. Outra coisa interessante sobre a referência de João aqui é notar que ele diz, embora não nos diga a qual tribo pertence a qual porta, é interessante no versículo 13; ele diz algo que não parece ser muito necessário a princípio. Ele diz que havia três portões no leste, três no norte, três no sul e três no oeste.

E eu me pergunto por que ele chega ao ponto de sugerir quais portões vão em qual direção? Ele poderia ter deixado isso de lado, talvez. É interessante, porém, quando você volta para Ezequiel capítulo 48 e versículos 30 a 35, quando Ezequiel vê e mede o átrio externo e interno do templo, esta é a ordem que ele segue. Ele começa, me desculpe, capítulo 40.

No capítulo 40 de Ezequiel, quando Ezequiel mede os átrios exterior e interior do templo, ele começa no leste, assim como João faz aqui, e depois mede a entrada no norte e depois no sul. Portanto, parece que João está aludindo ainda mais ao capítulo 40 de Ezequiel para demonstrar que esta é nada menos que a habitação de Deus. Este é o cumprimento do templo do fim dos tempos de Ezequiel.

Portanto, a direção dos portões aqui é leste, norte e sul, refletindo a ordem em que Ezequiel mede a entrada do pátio, os lados do pátio externo e interno do templo em Ezequiel capítulo 40. No capítulo 48, Ezequiel na verdade mencionará a cidade, mas segue uma ordem diferente, Ezequiel 48, 30 a 35. Esse é um texto onde Ezequiel mede a cidade, mas segue uma ordem diferente.

Mas acho que a ordem de João aqui, leste e depois norte e sul, e finalmente oeste, segue a ordem de Ezequiel medindo o átrio interno e externo em Ezequiel capítulo

40. Porque mais uma vez, João quer estabelecer o fato de que isso é nada menos que a própria morada de Deus. Este é o templo da cidade do fim dos tempos.

Portanto, João não está apenas vendo uma noiva da Nova Jerusalém. A noiva da Nova Jerusalém agora também é um templo. É uma morada de Deus.

É o cumprimento final do templo do fim dos tempos previsto em Ezequiel 40 a 48. O outro lugar, porém, remonta a Isaías 54, o outro lugar onde Isaías 54 desempenha um papel está no versículo 21, os 12 portões eram 12 pérolas. . Isso parece sair do capítulo 54 de Isaías.

E então o grande mar da cidade era de ouro puro como vidro transparente. Por que João menciona o ouro repetidas vezes na Nova Jerusalém? Porque quando você volta a textos como 1 Reis 5 a 7, o ouro desempenhou um papel crucial na construção do templo. Quase tudo era feito de ouro ou revestido de ouro.

Então, por ter as ruas de ouro, por ter a cidade aparecendo como ouro, até mesmo pela vara de medir de ouro no versículo 15, João quer enfatizar mais uma vez que este é o templo de Deus. Este é o templo de habitação de Deus. Isto é, as próprias pessoas são agora o templo onde Deus finalmente passa a residir numa nova criação.

O ato de medir no versículo 15 segue mais uma vez Ezequiel. Comece em Ezequiel 40 e leia o texto e observe quantas vezes o ato de medir é mencionado por um ser angélico. Mas enquanto Ezequiel mede o templo, no qual João se baseia claramente, é interessante que João possa ter outro texto em mente.

Zacarias 2, encontramos a medida não do templo, mas da cidade de Jerusalém. Então, João pode ter Zacarias 2 em mente aqui porque é a Nova Jerusalém que é medida no capítulo 21. Mas João fundiu Jerusalém e imagens do templo em uma grande imagem para mostrar que o povo da noiva da Nova Jerusalém também é agora o templo onde Deus habita.

Deixe-me dizer mais uma coisa sobre dois outros recursos. Falaremos mais tarde sobre as medidas, mas sobre outras duas características importantes da descrição da composição ou do formato da Nova Jerusalém. Em primeiro lugar, João nos diz que a cidade tem quatro quadrados.

Pode haver algumas outras alusões a isso. Curiosamente, a Babilônia foi descrita por alguns dos primeiros historiadores como tendo quatro quadrados. Então, isso pode ser parte do contraste entre 17 e 18, a prostituta Babilônia, que agora é substituída pela Nova Jerusalém.

Mas você também nota que a ideia de algo que era quatro quadrado ou quadrado também é usada em Ezequiel 40 a 48 para descrever o templo. Por exemplo, capítulo

42, versículos 15 e 20, e capítulo 45 e versículo 2 descrevem o templo como um quadrado. Na Septuaginta, a tradução grega de Ezequiel 40 a 48, outras características do templo, do altar e do propiciatório também são descritas como quadradas.

Portanto, ao descrever a cidade como quadrada, este pode ser um exemplo de João usando uma imagem que evoca mais de uma coisa. Ele pode querer descrever Jerusalém como quadrada porque essa era uma maneira de descrever Babilônia para realçar ainda mais o contraste entre Babilônia, Roma em 17 e 18, e agora a noiva da Nova Jerusalém. Mas também, ao aludir a uma característica, o templo quadrado e o quadrado, talvez, altar e propiciatório de Ezequiel 40 a 48, esta é outra maneira de sugerir que a noiva da Nova Jerusalém é também o templo de Deus.

Este é o comprimento do templo do fim dos tempos de Ezequiel, onde Deus agora habita com o seu povo. O outro aspecto da descrição para chamar a atenção é encontrado no versículo 16, onde ele diz que a cidade era disposta como um quadrado, nós olhamos para isso desde que fosse larga. Ele mediu a cidade com a vara e descobriu que tinha 12.000 estádios, falaremos dessa medida mais tarde, em comprimento e tão larga e alta quanto longa.

Essa linguagem de ser tão ampla e elevada quanto longa reflete quase literalmente a linguagem de 1 Reis, capítulo 6 e versículo 20. Deixe-me ler isso rapidamente. 1 Reis capítulo 6 e versículo 20, que é uma descrição do templo de Salomão.

Em 6:20 lemos, começando com o versículo 19, que ele preparou o santuário interno dentro do templo para ali colocar a arca da aliança do Senhor. O santuário interno tinha 20 côvados de comprimento, 20 côvados de largura e 20 côvados de altura. Portanto, essa linguagem de ser o mesmo em largura, altura e comprimento, que reflete, eu acho, é uma alusão deliberada a 1 Reis 6.20, que descreve o Santo dos Santos no templo, no templo de Salomão.

Portanto, esta é simplesmente mais uma maneira pela qual João deseja demonstrar que a noiva da nova Jerusalém é nada menos que o templo de Deus, a própria morada de Deus. É o comprimento do templo do fim dos tempos de Ezequiel. É o comprimento da habitação de Deus com seu povo na forma de um templo ao longo da história, agora atinge seu clímax em Deus habitando em seu povo do templo, em sua nova Jerusalém, barra de noiva, barra de povo do templo.

Agora, eles são retratados como a própria morada de Deus. Em nosso próximo segmento, veremos algumas outras características arquitetônicas, algumas das outras pedras e as imagens de pedra nos versículos 19 e 20, e então terminaremos a descrição que nos leva até o capítulo 22, versículo 5, termine a descrição do novo templo da noiva em Jerusalém.

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 28, Apocalipse 21, A Nova Criação e a Noiva, Nova Jerusalém.